JUVENTUDE DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Carta da Secretaria Nacional de Juventude do PT

Novos Desafios Para Uma Nova Geração de Petistas

A Juventude do Partido dos Trabalhadores reconhece que a geração que fundou o PT foi vitoriosa em sua tarefa histórica. Construiu um instrumento de luta da classe trabalhadora, contribuiu efetivamente com a retomada e construção da democracia brasileira, combateu o neoliberalismo, chegou ao Governo Federal, incluiu milhões de pessoas social e economicamente, e abriu um horizonte de possibilidades para aqueles e aquelas que durante toda a história brasileira foram perseguidos ou invisibilizados. Temos orgulho da nossa história, mas não queremos ser reconhecidos apenas como um partido que tem um grande passado pela frente. Acreditamos que os desafios colocados atualmente exigem ousadia, e que faz parte das tarefas históricas da nossa geração disputar de maneira unificada os rumos deste que é um dos maiores partidos de esquerda do mundo.

No Brasil, não há um projeto progressista viável que seja alternativo ao democrático popular liderado pelo PT, e, portanto, consideramos que para a esquerda, e não apenas para os petistas, é imperativo que o governo da presidenta Dilma seja vitorioso, e que o PT não se descaracterize enquanto partido socialista. A derrota do Petismo é a derrota da esquerda brasileira; é a derrota da tentativa da classe trabalhadora de chegar ao poder e implementar profundas transformações na desigual sociedade brasileira. Para tal, precisamos defender os avanços conquistados, denunciar e combater o golpismo, mas também sermos firmes, incisivos e enfáticos nas críticas quanto aos possíveis e anunciados retrocessos e ao esgotamento de nossa estratégia.

Se é verdade que há uma campanha insidiosa, sem trégua e inescrupulosa contra o PT, também é necessário que reconheçamos que cometemos erros, e que após 35 anos precisamos de um vigoroso processo de renovação do nosso partido. Não podemos dar nenhum motivo para que a direita e a mídia monopolista nos ataque, ainda que injustamente. Cada vez mais teremos que nos basear na máxima de que a prática é o critério da verdade. O momento é gravíssimo, e nos alarma que muitos não tenham percebido o alcance da crise econômica, política e ética que vivenciamos.

Consideramos que a resposta para a crise econômica não se dará por meio de uma adesão subordinada ao programa derrotado nas urnas, fundamentado na ortodoxia econômica e na política de austeridade, mas sim por meio de políticas anticíclicas e de medidas que façam com que os mais ricos assumam as consequências de suas desventuras financeiras, e não os trabalhadores e trabalhadoras. A crise política só será superada se nos dedicarmos a criar uma ampla frente de esquerda em prol das reformas estruturais e de enfrentamento ao golpismo. Essa frente, tal como no segundo turno, só se viabilizará caso o Governo e o PT, acene claramente no sentido de uma plataforma mais avançada que, por sua vez, tenham como objetivo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É tarefa do nosso partido reivindicar e pressionar pela implementação do programa vitorioso nas urnas. Por fim, para

que possamos dar uma resposta ao país e à nossa militância teremos que admitir que vivenciamos uma crise ética e buscar sua superação.

"Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar"

Apesar dos ataques constantes que o PT sofre desde que chegou à Presidência da República, o profundo processo de mobilidade social que fez com que mais de 40 milhões de brasileiros deixassem uma vida de penúria, gerou uma avaliação positiva sobre o Governo e, em certa medida, sobre o nosso partido. A questão é que a história mostra que o capital eleitoral e político não é imutável; os processos recentes nos indicam que entre os jovens esta credibilidade há tempos não atinge os mesmos patamares do de outras gerações; e o presente aponta que o apoio ao nosso projeto político pode se degenerar mesmo entre a nossa principal base de sustentação.

Estamos diante de um cenário duro e complexo, em que a crise internacional fez ruir parte dos recursos que financiaram as políticas de inclusão social dos governos petistas, e os brasileiros já sentem os efeitos da crise. Após o momento de ascensão política que se deu no segundo turno das eleições 2014, a insegurança em relação à sustentabilidade do novo patamar de qualidade de vida conquistado por tantos brasileiros e brasileiras na última década, volta a alimentar um potencial sentimento de mudança. Assim, após a inflexão da classe média – principalmente da região centro-sul do país -, setores menos abastados da sociedade brasileira começam a revelar a intenção de procurar alternativas ao PT, e a juventude a confirmar sua suspeita de que nosso partido está esgotado enquanto projeto político.

A pesquisa do Datafolha divulgada na terceira semana de março deste ano deve acender nosso alerta. Esta aponta que o PT chegou ao mais baixo índice de simpatizantes desde 1989, caindo de 30% em março de 2013 para apenas 9% dois anos depois. Entre os jovens, pela primeira vez, o PT foi alcançado pelo PSDB: a pesquisa mostra que 6% preferem os tucanos e 5% os petistas. O recuo da média histórica do total de brasileiros com alguma preferência partidária indica que muitos deixaram de ser simpatizantes do PT, mas não estabeleceram qualquer tipo de lealdade política com outra legenda, essas são pessoas que se decepcionaram com a política. Nós que nascemos com o objetivo de mudar o mundo, inverter as prioridades, temos o dever de reencantar o povo brasileiro. Para isso precisaremos ser o exemplo do que pretendemos construir. Como dizia Gandhi: "Façamos em nós a mudança que exigimos nos outros".

A seletividade da Operação Lava Jato precisará ser exposta, mas precisaremos dizer que, ainda que não tenhamos cometido nenhum crime ao receber doações legais de empresas, cometemos o erro de nos render a lógica perversa em que o poder econômico busca influenciar a política e de que pouco ou nada fizemos para reverter este cenário. Para que sejamos verdadeiramente autônomos, responsivos à população e não ao capital, precisaremos intensificar nossa luta no Congresso Nacional e nas ruas pelo fim do financiamento empresarial de campanha, mas antes de conquistarmos essa vitória, teremos que aprovar uma reforma política interna no PT que diminua a influência do poder econômico em nossas disputas internas, priorize o debate de ideias, democratize nossas instâncias e seja um partido mais vivo, participativo e que proíba o partido e as nossas candidaturas de receberem doações de empresas. Esta medida pode parecer extrema, e alguns argumentarão que nos colocará em uma situação de fragilidade diante da prática dos demais, no entanto acreditamos que o que precisamos agora são de medidas ousadas, pois o que está em jogo é a nossa história e o futuro do povo brasileiro.

Não avançamos quase nada quanto à democratização e regulação da mídia. É necessário regulamentar os artigos da Constituição que tratam do assunto. A mídia hegemônica, neste caso, quer estar longe da lei, longe da Constituição. As definições do setor continuam sendo tomadas ouvindo apenas o interesse do empresariado. A comunicação e a liberdade de expressão são direitos sociais e por isso, esta lógica precisa mudar urgentemente. Chegou o momento de implementar iniciativas cada vez mais públicas, e não estatais, e que tenham relevância no papel educativo, com programação regional e raízes culturais.

Unidade na diversidade

Para que possamos dar conta dos desafios que se apresentam é fundamental que haja um pacto geracional na Juventude do PT, e que o partido como um todo compreenda que este não é o momento da disputa, mas da construção de síntese e da ação unificada. O PT é uma conquista histórica da esquerda brasileira e não podemos deixar que ele se perca no pragmatismo, e na disputa interna que muitas vezes toma contornos fratricidas.

A unidade também será necessária na esquerda e entre os setores progressistas da sociedade, uma unidade entorno de uma plataforma de reformas estruturais capazes de fazer o Brasil avançar e de impedir o retrocesso. Neste ponto vale ressaltar que só há mobilização em prol de bandeiras políticas claras, não mobilizaremos ninguém se nosso foco for meramente a defesa do Governo Dilma. A própria campanha de Dilma em 2014 é um bom exemplo de que precisamos de pautas concretas para que a militância tenha elementos para dialogar e mobilizar a população, em especial a juventude.

Foi a partir da reafirmação da defesa dos direitos trabalhistas, do emprego, do investimento em educação, da necessidade da reforma política, do acesso à banda larga, enfrentamento ao extermínio da juventude negra e à homofobia, que trouxemos muitos brasileiros e brasileiras para a trincheira de luta que permitiu a recondução de Dilma ao Palácio do Planalto. Enquanto a campanha se limitava ao marketing e a comparação ente governos tivemos dificuldades em mobilizar até mesmo a nossa própria base.

Diferentemente da orientação inicial da Direção Nacional do PT, sempre defendemos a posição de que era necessário ir para as ruas disputar os rumos do Governo Dilma, pois acreditamos que enquanto reclamamos sem agir, o capital financeiro, o agronegócio, as grandes corporações midiáticas e o conservadorismo ganham espaço. Não há vácuo na política, nossa apatia e silêncio resultarão na vitória daqueles que sempre foram os donos do poder.

Nesta linha saudamos a Central Única dos Trabalhadores (CUT) pela mobilização nacional em defesa dos direitos trabalhistas realizada em janeiro, e pelos atos do dia 13 de março. Esperamos que a linha, que se mostrou acertada do movimento sindical e de tantos outros que se somaram a esta luta, tenha sido suficiente para que a cúpula do PT faça uma inflexão em sua posição e dê todo apoio aos atos em prol da democratização da mídia nos dias 31 de março e 01 de abril, ao "Devolve Gilmar" no dia 02 de abril, e as demais atividades de rua que vem sendo organizadas pelo campo progressista. É preciso que fique claro que nossa militância não pode estar em nenhum outro lugar que não seja nas ruas, e que para vencermos esta batalha não podemos nos isolar.

Para que Sigamos Sendo Instrumento de Luta da Classe Trabalhadora

O PT, enquanto ideia, está se diluindo, mas acreditamos que ainda é possível impedir que este se transforme no partido do status quo. É necessário que revigoremos o espírito de lutas da militância, reafirmando nosso compromisso histórico com o projeto socialista. Não podemos admitir que o PT seja decomposto em uma máquina eleitoral e tenha seu papel histórico reduzido ao de uma legenda qualquer. Assim, cabe um vertiginoso processo de autocrítica a

fim de reafirmar veementemente as dimensões estratégica, histórica e revolucionária de nosso projeto.

Após três governos petistas podemos afirmar que o PT trabalhou com a mesma lógica dos socialdemocratas europeus ao longo da segunda metade do século XX. Em um momento de expansão do capitalismo acreditou que a conciliação de classes seria possível e que o jogo não era de soma zero, diante da crise e seu aprofundamento, tal como se deu nas crises do petróleo da década de 1970, os limites dessa conciliação se apresentaram, bem como a necessidade de escolha entre o capital e o trabalho.

Na Europa é sabido que a escolha foi pelo capital, e que a adesão ao neoliberalismo levou ao desemprego, flexibilização de direitos, e desmonte do Estado de Bem-Estar Social. No âmbito político, partidos que nasceram para mudar o mundo tornaram-se meros administradores do capitalismo e são hoje desacreditados por toda uma geração. O Podemos e o Syriza por um lado, o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e o Partido Socialista Pan-Helénico (PASOK) por outro, são exemplos de que a roda segue girando, e o mundo político não ficará estático esperando que o PT defina seu rumo. Acreditamos que ainda é possível disputar corações e mentes por meio do Partido dos Trabalhadores, mas para isso será preciso ter coragem para reconhecer e superar os erros, e ousadia para ir além.

Dentro deste contexto a JPT apresenta posicionamento crítico aos nomes da política econômica do governo Dilma de áreas estruturantes como Cidades e Agricultura, como também às ditas medidas impopulares, tais como: o aumento dos juros; a mudança das regras do seguro desemprego, defeso e das pensões; e os cortes de verbas, em especial da educação. Sabemos que o mundo está em crise, e que foram as escolhas tomadas por Lula e Dilma que permitiram que não entrássemos em recessão, que a inflação se mantivesse dentro da meta, e principalmente que o desemprego não voltasse a nos assombrar, mas sabemos também que os necessários ajustes são possíveis sem que os trabalhadores sejam os mais penalizados. Ao nos rendermos à política econômica da direita e dos manuais do FMI e Banco Mundial, perdemos o capital político que acumulamos na eleição e a possibilidade de construirmos a correlação de forças que nos permitiria fazer as mudanças estruturais que o povo brasileiro necessita.

É ingênuo acreditar que a elite, a direita, e os oligopólios da comunicação recuarão por livre espontânea vontade. Quem sempre teve privilégios só abrirá mão destes se for forçado a isso, portanto, não adianta flertar com esses setores, muito menos fazer mais concessões, pois quanto mais espaços damos para eles, mais eles se utilizam deste espaço para nos destruir. Não devemos negligenciar o ódio de classes canalizado no PT e na esquerda que construiu mudanças importantes neste país. O ódio pelo que temos de melhor fará com que estes sempre tenham lado, e não será o nosso. Enquanto o PT titubeia à frente do Governo, a consciência de classe da burguesia segue firme, quanto mais sinalizarmos para ela, mas ela exigirá de nós.

É preciso que o Governo e o PT, em seus papéis distintos, se disponham a comprar as boas brigas. Sendo este um Governo de coalizão, cabe ao PT pressiona-lo para esquerda, defende-lo quando necessário, mas sem se furtar à sua responsabilidade histórica de disputar seus rumos.

O partido, as direções e toda nossa militância precisa ampliar o processo de campanha social. Temos que mobilizar a sociedade e criar um ambiente político sintonizado com os novos tempos.

Assim sendo estabelecemos as seguintes bandeiras de luta da Juventude do PT na atual conjuntura:

- Contra o golpe e em defesa da democracia;

- Contra a redução da maioridade penal

- Contra a política de ajustes neoliberais;

- Defesa da Petrobras como patrimônio do Povo Brasileiro;

- Combate à corrupção: investigação e punição dos casos da Petrobras, do Swissleaks (HSBC), da Alstom, e dos trens e metrôs de São Paulo;

- Pela Adequação das Forças de Segurança Pública ao Estado Democrático de Direito: abolição dos Autos de Resistência e similares, desmilitarização das polícias, e combate ao racismo institucional;

- Revisão das Medidas Provisórias nº 664 e 665: todo apoio à luta da Central Única dos Trabalhadores;

- Reforma Tributária e taxação das grandes fortunas;

- Democratização dos Meios de Comunicação; a concentração da mídia no Brasil contraria frontalmente a Constituição.

- Reforma Política com consulta popular já;

- Reforma Agrária;

- Pelo Direito à Cidade: Tarifa Zero;

- Ampliação das políticas públicas que garantem direitos de acesso pleno à Cultura, criar condições para o desenvolvimento da estrutura simbólica da Cultura e para o desenvolvimento econômico das atividades culturais popular e periférica;

- Internet Livre/ Banda Larga Para Todos/ Inclusão Digital para os Jovens Rurais, indígenas e de Articulação de Grupos de Economia Solidária;

O PT ainda abre a possibilidade de fazermos pressão por dentro e por fora, para girar a tática do governo, fazer as tais brigas boas, garantir que o segundo mandato do governo Dilma seja superior ao primeiro, e que reflita seus compromissos de campanha. Para conquistarmos estas vitórias, nós precisamos ocupar as ruas e o Partido dos Trabalhadores.

O Brasil de hoje é radicalmente novo, enquanto alguns negam o problema e saudosistas dizem que precisamos voltar ao PT da década de 1980, nós dizemos que o que nós precisamos é de um novo PT, à altura dos sonhos e desafios da nossa geração.

São Paulo, 30 de março de 2015

Direção Nacional da Juventude do PT